



A AÇÃO DA COMPANHIA DE MELHORAMENTOS DO NORTE DO PARANÁ, NO PROCESSO REOCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MARUMBI-PR

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4085

João Paulo P. Rodrigues, UEM
Sandra C. A. Pelegrini, UEM

Resumo

O presente texto propõe-se a apresentar algumas reflexões sobre o processo de (re) ocupação da região Norte do Paraná e como o município de Marumbi está intrinsecamente relacionado a essa dinâmica. As memórias reveladas nos depoimentos em forma de entrevista com antigos moradores, o vídeo documentário “Histórico de Marumbi” e as imagens do acervo da prefeitura municipal serviram como valiosas fontes para a compreensão desse fenômeno comum nas cidades do Norte paranaense. Cabe ressaltar, que foi a partir da década de 1930 que a cidade supracitada, passou por processos de parcelamento, comercialização e ocupação do solo, de modo mais ofensivo, a chamada ocupação capitalista. Com a atuação de companhias de colonização, entre elas a Companhia de Terras Norte do Paraná, que se tornaria a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em meados de 1940. A formação da cidade de Marumbi está intrinsecamente relacionada ao expansionismo da cultura cafeeira no Paraná, pois inúmeras famílias migraram para a cidade em busca de terras mais baratas, novas e sem restrições quanto ao plantio. No Norte do Paraná a produção cafeeira foi significativa até meados da década de 1970, no entanto com a famosa “A geada negra”, ocorrida no dia 18 de julho de 1975 inúmeras plantações foram abandonadas, dando espaço paulatinamente para o cultivo da soja, trigo, milho e, principalmente em Marumbi, da cana-de-açúcar. Esse fenômeno climático provocou profundos impactos na organização social, espacial, econômica e ambiental de toda a região, ocasionando um redirecionamento da população interiorana para os grandes centros populacionais como Maringá e Londrina.

Palavras Chave:

História Regional,
História do Paraná,
Memória, Fontes
Imagéticas.

Introdução

Ao estudarmos uma região, temos que ter em mente que esta é, sobretudo, um lugar dinâmico, onde está presente uma pluralidade de sujeitos e atores históricos. Nesse horizonte é necessário compreender a região e as suas relações com as fronteiras (geográficas, agrárias, simbólicas e religiosas) e as redes de sociabilidades.

Nesse quadro nos deparamos com a cidade de Marumbi no Paraná, (aproximadamente a 306 km da capital Curitiba), elevada a distrito de Jandaia do Sul em 14 de dezembro de 1951, por meio da lei 790, e a município no dia 25 de julho de 1960, pela lei 4.245, com a denominação de Marumbi, com a posse do primeiro prefeito eleito, José Mathias Fernandes, tendo como vice Antônio Colombo. Nesse período o município era composto de um distrito, o de Kaloré, que posteriormente também foi desmembrado e elevado à categoria de município no dia 7 de agosto de 1961.

O nome da cidade é de origem indígena, tupi-guarani, pois na região se encontrava um número relativamente alto da planta aquática marumbi, utilizada na fabricação de esteiras. Segundo dados do IBGE¹, a extensão territorial da região é de 208, 470 km², localizada no terceiro planalto, subdivisão do Planalto Meridional, suas terras apresentam aspecto ondulado, tendo uma altitude máxima de 650 m acima do nível do mar, suas coordenadas geográficas são: Sul - latitude de 23 graus e 42 min.; Oeste - longitude – 51 graus e 38 min.; o clima predominante é o subtropical e está situada na região Norte Central do Paraná.

Entre Imagens e Películas. O discurso do “marumbireense”

Nesse estudo, utilizamos como fontes documentais, dois documentários elaborados pela Prefeitura Municipal de Marumbi e pela Paróquia Bom Senhor Jesus. Os vídeos forneceram subsídios fundamentais para a compreensão do processo de reocupação da cidade, assim como o papel da Companhia de Melhoramento do Norte do Paraná na expansão e desenvolvimento da cidade

O vídeo documentário “Histórico de Marumbi” produzido pela Administração Municipal, dirigido pela professora Maria Conceição Pereira de Almeida e editado por João Alfredo no ano de 1996, destaca que fundação do município esteve vinculada ao processo de “colonização”² do Norte do Paraná. Na película a região é apresentada como uma mata virgem, onde os “pioneiros” bravamente desmataram e se desenvolveram economicamente. No entanto, essa área foi local de ocupação humana há muito tempo. Conforme Mota (2005), o lugar era habitado por populações indígenas há cerca de oito mil anos, podendo mesmo chegar a 13 mil anos.

Entretanto, foi a partir da década de 1930 que a região onde está localizada Marumbi passou por processos de parcelamento, comercialização e ocupação do solo, de modo mais ofensivo, com as atuações de companhias de colonização, entre elas a Companhia de Terras Norte do Paraná, que se tornaria a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em meados de 1940.

De acordo com Tomazi (2000), por meio da empreita dessa empresa imobiliária, grande parte de sua área foi

¹ Estimativas da população para 1º de julho de 2009 (PDF). Estimativas de população. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (14 de agosto de 2009). Página visitada em 16 de agosto de 2009.

² A palavra colonização é citada oito vezes durante o documentário, em momento algum é citado a anterior presença indígena na região.

sendo reocupada, com a plantação de extensos cafezais substituindo a mata e a implantação de ferrovias, rodovias e fundação de cidades.

Para France Luz (1997), a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná promovia a venda dos lotes rurais intensificando a propaganda em três aspectos: o primeiro sobre a fertilidade do solo: uma terra roxa, extremamente produtiva; o segundo acerca das vantagens para o pequeno e o médio agricultor que poderiam adquirir pequenos lotes a um preço mais acessível; e por último a questão sobre a versatilidade da produção - o local era propício para o cultivo de vários produtos como o algodão, cereais e o café.

A propaganda se dava por meio de jornais, rádios, cartazes, panfletos e agentes de vendas, espalhados principalmente pelo Oeste paulista. Luz (1997) ressalta que a companhia vendeu datas nas cidades fundadas por ela com extensão média de 500-600 m² cada, chácaras em volta das cidades e vilas numa área de cinco alqueires e também lotes rurais numa extensão superior a 5 alqueires, destinados para sítios e fazendas.

Sobre a forma de pagamento, Luz (1997) exemplifica:

As condições de aquisição eram diferentes, conforme se tratasse de: a) lotes agrícolas: 30% de entrada e quatro anos de prazo para o pagamento; b) chácaras 40% de entrada e 2 anos para o pagamento; c) datas urbanas: 50% de entrada e 50% no prazo de um ano. Os juros cobrados eram de 8% ao ano. Os funcionários da Companhia gozavam de um desconto especial de 20%% (LUZ, 1997, p.40).

Conforme o vídeo documentário

³ A pesquisadora Sandra C. A. Pelegrini discute o conceito de domesticação da natureza no capítulo “A paisagem urbana de Maringá expressa em distintas representações pictóricas da cidade”,

“Histórico da Cidade de Marumbi” apresenta, os primeiros migrantes, oriundos dos estados de São Paulo e Minas Gerais, teriam se instalado no início da década de 1940 e construíram suas casas ao longo da rua Anhembi, atualmente avenida Presidente Vargas, e na avenida Ivaí, hoje Tiradentes, esses migrantes são mencionados como os responsáveis pela “abertura da mata” e pela fundação da cidade.

No documentário, imagens ilustram e reforçam o discurso do pioneirismo como agente fundamental na colonização da cidade. Esses homens são tratados como verdadeiros heróis, uma vez que eram sempre retratados durante seus afazeres e carregados de instrumentos para domesticar a mata³, como enxada, pá e facão. Na imagem 1, percebemos a existência de dois componentes presentes nas imagens: os instrumentos de trabalho e a árvore figueira. O machado, a enxada e o facão são considerados símbolos do trabalho e remetem à exploração da “mata virgem” e da natureza selvagem. A figueira está relacionada tanto com a fertilidade do solo quanto com a força pelo seu tamanho, estrutura e opulência.

Figura 1 Primeiros Migrantes de Marumbi. 1942.



Acervo: Vera Lúcia Martins

Sobre a utilização do termo “pioneiro” Tomazi (1997) e Pelegrini (2005), ressaltam que este teve sua origem

publicado no livro **Narrativas da Pós-modernidade pesquisa histórica**, organizado por Sandra C. A. Pelegrini e Silvia Helena Zanirato; Editora da Universidade Estadual de Maringá – Eduem, 2005.

no início do processo de reocupação do espaço, onde originalmente viviam índios, quilombolas e caboclos, expulsos à força pelas empresas denominadas “colonizadoras”. Tais terras foram adquiridas a preços módicos por poucos indivíduos aos quais se atribuiu a força da “pujança regional”. Tomazi (1997) menciona o Sr. Álvaro L. Godoy como um dos responsáveis pela formulação desta denominação que foi disseminada durante as décadas de 1970 e 1980 nos estudos históricos:

Pioneiros são homens que veem de frente, descobrindo e destruindo os obstáculos, e preparando o caminho para a implantação da civilização. A chegada do pioneiro nos sertões ínvios representa o início do progresso. O pioneiro vem para ficar quando se desloca, já traz a família e os haveres, quando os possui. Costumam também chamar de bandeirantes, porém, existe muita diferença. O bandeirante é nômade, viajam só homens e quando se detém é porque encontraram algum obstáculo, e logo que transposto continuam a marcha, atrás de tesouros, ou seja, fortunas rápidas. O pioneiro vem à procura de terra fértil, encontrando-a, planta sabendo que seu destino será chumbado aquela gleba, que com o passar dos dias se transforma em lugar sagrado para ele e sua família. Quanto mais ele sofre na sua gleba, mais amor ele lhe dedica, chegando ao ponto de ter ciúmes de seu rebanho, de sua rocinha e até das caças que povoam sua terra, e não raro, só a morte o arranca da gleba por ele desbravada (ZORTEA, 1975, p. 52).

Na imagem abaixo podemos observar o relativo crescimento urbano, que caminhava a passos longos segundo o documentário, pois a cidade “apontava como uma das maiores produtoras de café

da região”⁴.

Figura 2: Avenida Ivaí. 1960.



Acervo Prefeitura Municipal de Marumbi.

Ao decompor uma imagem convém lembrarmos os preceitos do o historiador Peter Burke (2017), que afirma que ela deve servir de instrumento para novas conclusões ou suscitar novas questões e não apenas ser usada como título de ilustração de uma dada proposição.

O uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado a “evidencia” no sentido estrito do termo. Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”. Pinturas, estatuas, publicações e assim por diante permitem a nós, a posteridade, compartilhar as experiências não-verbais ou o conhecimento de culturas passadas. (BURKE, 2017, p.17).

Ao confrontarmos a imagem selecionada com os depoimentos dos primeiros moradores da região, constatamos que a fotografia foi captada no início da década de 1960. Segundo Isaura Zuan Mario⁵, natural de Marília e nascida no ano de 1935, nesse espaço estava localizada a rua Ivaí. Podemos observar também a existência do ponto comercial “Casa Columbia Secos e Molhados”. A Marumbiense afirma que esse prédio pertencia ao senhor Amadeu

⁴ Histórico de Marumbi. Prefeitura Municipal de Marumbi, 2.36 min. 1996.

⁵ Depoimento colhido no dia 01/12/2010, na cidade de Marumbi tendo duração de 40 min.

Columbia, antigo morador da cidade e falecido no ano de 2006.

Isaura revela que a Casa de Secos e Molhados era um ponto relevante, na qual as pessoas adquiriam mercadorias variadas. Ao lado da mercearia do senhor Columbia estava localizado o Banco Nacional, única agência do município. No canto esquerdo da imagem nos deparamos com uma manada pertencente ao senhor Gabriel do Prado, popularmente conhecido como “gabrielzinho”, agricultor famoso na região que prestava serviços com o seu carro de boi. Segundo Isaura, essa era uma atividade habitual e requisitada pelos moradores de Marumbi.

Renato Mario⁶, migrante paulista, recorda que sua chegada a Marumbi ocorreu em 1943 quando tinha 17 anos de idade. Nesse período havia poucos moradores na região, apenas os senhores Élio e Nedo Janta, que Mario destaca como os primeiros habitantes da cidade. Renato revela que no ano de 1945, haviam apenas três casas na Vila. A primeira, o prédio da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná, a qual, morava o senhor João Neves; a segunda, à casa do senhor Joaquim José Prado (Português); e por último, o bar do senhor Jesus.

Isaura Zuan Mario⁷, revela que sua chegada a Marumbi ocorreu em 12 de outubro de 1945 e que a sua família já trabalhava com a produção do café no Estado paulista, no entanto, pela alta taxa de impostos cobrados pelo governo, resolveu explorar novas terras. Para Isaura, a propaganda que a Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná fazia era amparada em um aspecto fundamental: a fertilidade do solo, o qual a empresa apresentava como uma terra

roxa⁸, produtiva para o cultivo das mais variadas espécies, assim, sua família adquiriu um lote pela Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná e passou a se dedicar à produção cafeeira.

Segundo Isaura, na época em que deu sua chegada à cidade de Marumbi, existia uma pequena capela (6 m por 10 de comprimento) que servia como igreja para a comunidade católica.

Figura 3: 1º Capela de Marumbi. 1948.



Acervo: Vera Lúcia Martins

Isaura ressalta que a capela era um ambiente acolhedor, na qual os fiéis faziam as orações e assistiam às missas celebradas por padres de outros locais. A paulista destaca que o padroeiro Senhor Bom Jesus foi doado por João Lopes do Prado. Por meio de festas, quermesses, rifas e a colaboração dos fiéis construiu-se assim uma segunda capela também de madeira e posteriormente o edifício que nos dias atuais é a igreja matriz.

A imagem 3 faz parte do acervo do acervo de Vera Lúcia Martins, o registro foi feito em 1948 e segundo o vídeo documentário “Paróquia Senhor Bom Jesus De Marumbi – Jubileu De Ouro”⁹, o evento marcava a celebração da 1ª Eucaristia. Ao observar o número de

⁶ Depoimento registrado no vídeo documentário “Paróquia Senhor Bom Jesus De Marumbi – Jubileu De Ouro” no ano de 2009

⁷ Depoimento colhido no dia 08/05/2010, na cidade de Marumbi tendo duração de 80 min.

⁸ Alves e Pelegrini(2010) afirmam que esse tipo de solo é um dos mais favoráveis à cafeicultura no

Brasil. José R. Lapa o descreve como uma terra vermelho-escura, resultado da decomposição de lençóis de rochas efusivas basálticas e permeáveis.

⁹ Documentário realizado pela Paroquia Senhor Bom Jesus de Marumbi em comemoração aos 50 anos de instituição paroquial no ano de 2009.

crianças com vestimentas brancas, podemos constatar que essa afirmação pode ser considerada verdadeira, pois a roupa utilizada pelas crianças durante esse tipo de celebração é a cor branca.

Ao lado da edificação em madeira, observamos um objeto sacro, trata-se de um cruzeiro, que segundo Renato Mario foi erguido pelos primeiros migrantes. Quando a região recebia a visita de um padre, era no entorno dessa cruz que se realizavam as missas e outros rituais. Ademais, o cruzeiro também configurava como um marco ou ponto de encontro dos moradores, políticos e visitantes que vinham conhecer as terras consideradas férteis.

Segundo o vídeo documentário “Paróquia Senhor Bom Jesus De Marumbi – Jubileu De Ouro”, foi apenas em 1959 que a cidade passou a ter um pároco exclusivo para o município (padre Luciano Ambrosini). Durante 15 anos as celebrações eram realizadas mensalmente e por padres de outras regiões, como Jandaia do Sul e Mandaguari.

Ao analisarmos os depoimentos dos primeiros migrantes da região, constatamos, que a formação da cidade de Marumbi está intrinsecamente relacionada ao expansionismo da cultura cafeeira no Paraná, já que inúmeras famílias migraram para a cidade em busca de terras mais baratas, novas e sem restrições quanto ao plantio.

Para Nadir Cancian (1977), após a Segunda Guerra Mundial a produção cafeeira no Brasil sofreu algumas mudanças, com o aumento dos preços do café e o deslocamento do centro de produção de São Paulo para o Paraná, principalmente no Norte do Estado (Norte Novo em 1951, Norte Novíssimo em 1962 e em 1965 novamente o Norte Novo), que configurou-se como o maior centro dinâmico da atividade, os produtores paulistas procuravam terras novas e baratas e sem restrições quanto ao plantio.

Cancian (1977) compreende estes centros dinâmicos, como áreas onde a produção já estava estabelecida ou sofria algum declínio. Para Luz (1997), um dos fatores fundamentais para a polarização da cultura do café no Paraná foi a interferência da elite cafeeira paranaense sobre a proibição de novos plantios adotados em outros Estados. Dessa maneira o número de cafeeiros, que foram limitados a 50 milhões, em 1941 já atingia 61 milhões, grande parte deveu-se aos produtores naturais do Oeste paulista.

Na imagem 4, podemos observar uma pequena parte dos cafezais cultivados em Marumbi. O registro é da Rua Marechal Floriano Peixoto, primeira alameda do perímetro urbano do município e que faz ligação com a rodovia BR-466.

Figura 4: Vista aérea da Rua marechal Floriano. 1965.



Acervo: Prefeitura Municipal.

A figura 4 apresenta outros símbolos ligados a atividade cafeeira: no lado superior direito podemos constatar um barracão, que segundo Renato Mario servia para escoar a produção do grão rúbeo. Observa-se também uma quantidade considerável de prédios de alvenaria, predominando a paisagem antes repleta de casas de madeira.

No Norte do Paraná a produção cafeeira foi significativa até meados da década de 1970, no entanto com a famosa “A geada negra”, ocorrida no dia 18 de julho de 1975 inúmeras plantações foram abandonadas, dando espaço paulatinamente para o cultivo da soja, trigo, milho e, principalmente em

Marumbi, da cana-de-açúcar. Esse fenômeno climático provocou profundos impactos na organização social, espacial, econômica e ambiental de toda a região, ocasionando um redirecionamento da população interiorana para os grandes centros populacionais como Maringá e Londrina.

No entanto, vale ressaltar que, embora a maioria das famílias que migravam para a região tinha como objetivo a aquisição de sítios e lotes para a produção agrícola, esta não foi a única atividade econômica desenvolvida no território. Nos depoimentos colhidos perante a população e no vídeo documentário “Paróquia Senhor Bom Jesus de Marumbi – Jubileu De Ouro” chamamos a atenção para três pontos comerciais: a casa de secos e molhados, do senhor Joaquim José do Prado; o mercado são Pedro, do senhor Emilio Mario; e a casa comercial, do senhor Manuel da Silva Fernandes, popularmente conhecido Senhor Mané Português.

Na imagem 5, também pertencente ao acervo da prefeitura municipal e disponibilizada pelo funcionário Rafael Brambilla, observamos um acontecimento singular na cidade: a inauguração do asfalto do município.

Na referida imagem, observamos algumas faixas com os dizeres de agradecimento à empresa Salenco, responsável pelas obras de pavimentação na região. Isaura Mario conta que essa solenidade recebeu milhares de pessoas e contou com a participação do governador Jaime Canet Jr.

Ao analisarmos a imagem, compreendemos a preocupação do fotógrafo em captar no mesmo quadro o maior aglomerado de pessoas possível. Para isso ele se desloca a uma posição privilegiada na qual consegue registrar num mesmo conjunto o montante de pessoas, o asfalto recém-inaugurado e os dizeres em agradecimento à empresa responsável pela obra e às autoridades municipais.

Figura 5: Inauguração do Asfalto. Década de 1970.



Acervo Prefeitura Municipal de Marumbi

As construções das vias asfálticas, assim como adequação de maquinários agrícolas, estão inseridas no período pós-Geadas Negras, na qual o estado do Paraná implantou uma série de políticas para atender as pequenas cidades que passaram a sofrer com o êxodo rural para os grandes centros do estado (Pelegrini e Rodrigues, 2014).

Conclusão

Podemos constatar que Marumbi, assim como as demais cidades do norte do Paraná, configuraram-se como um pequeno núcleo urbano. Esses municípios tiveram como principal produto a cafeicultura. Uma prática agrícola que absorvia principalmente a mão-de-obra familiar, entrecortada de outras culturas para sustento das respectivas famílias. Após a geadas de 1975 paulatinamente a cultura cafeeira foi substituída pela lavoura branca como a soja, milho, trigo e, principalmente, a cana-de-açúcar.

Durante o processo de reocupação da cidade, na segunda metade do século XX, podemos observar também a presença da frente pioneira, pautada na produção cafeeira, com um intenso fluxo migratório dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Essa ocupação enraizada nessa região aconteceu essencialmente por meio do avanço dos produtores paulistas e mineiros que procuravam terras novas e baratas e sem restrições quanto ao plantio.

Atentamo-nos, por último, para o que o vídeo documentário “Histórico de

Marumbi” cala, enquanto discurso: em momento algum se fala da anterior presença indígena, da rápida e consumada devastação da cobertura vegetal na região e suas implicações para o ambiente.

Percebemos também que no município, têm imbricado em suas memórias a ideia de frente pioneira. Exalta-se o pioneirismo em seu discurso no dia a dia, nas publicações e datas comemorativas. Consequentemente, na película, a palavra escrita e as imagens aparecem, lado a lado, complementando-se e com semelhante importância para a construção do discurso do pioneirismo, como fator fundamental no desenvolvimento da cidade.

Referências

- ALVES, Amanda Palomo. PELEGRINI, Sandra C. A. **Histórias e Memórias dos cafeicultores no Paraná: o cotidiano e as práticas de trabalho da população de Marialva (1940-1960)**. Revista de História Regional. 15(1); pag 303-329. Verão. 2010
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Editora Unesp. São Paulo.2017
- CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura Paranense: 1900-1970**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 1977
- LUZ, France. **O Fenômeno Urbano numa zona pioneira: Maringá**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- MOTA, Lucio Tadeu . **História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais**. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2005
- NEIVA, Artur Hehl. **A imigração na política brasileira de povoamento**. Boletim Geográfico. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro: 8(86): 151-183, maio, 1950.
- PELEGRINI, Sandra C. A. A paisagem urbana de Maringá expressa em distintas representações pictóricas da cidade. PELEGRINI, Sandra C. A e ZANIRATO, Silvia H. **Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica**. Maringá: EDUEM, 2005.
- PELEGRINI, S. C. A. ; RODRIGUES, J. P. P. . **Ivatuba: História, Memória e Tradição Paranaense**. 1. ed. Maringá: Unicorpore, 2014
- TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: história e fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História)–UFPR, Curitiba, 1997.